

EDIPUCRS – Coleção Memória das Letras

8-BARBOSA, Maria José Somerlate.
CLARICE LISPECTOR:
Des/fiando as teias da paixão
 2001, 167 p.

Os pedidos deverão ser encaminhados à:

EDIPUCRS
 Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33
 Caixa Postal 1429
 90619-900 - Porto Alegre – RS/BRASIL
www.pucrs.br/edipucrs/
 E-mail edipucrs@pucrs.br
 Fone/Fax: (51) 3320.3523

O efeito do uso de sinais na aquisição de linguagem de uma criança surda, filha de pais ouvintes

Maria Inês Vieira e Maria Cristina da Cunha Pereira*

A motivação para esta pesquisa nasceu do trabalho realizado no Programa de Atendimento Bimodal para Bebês (PAB), do Instituto Educacional São Paulo, escola para surdos da Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – IESP/DERDIC-PUCSP, que está inserido e precede o Curso de Educação Infantil e atende a crianças de 0 a 3 anos de idade.

No PAB, as crianças são atendidas por uma pedagoga ouvinte, que faz uso de sinais concomitantes à fala na ordem do português. Embora não se trate da língua de sinais, o uso dos sinais parece fazer um efeito na linguagem das crianças pequenas e prepara, de alguma forma, a aquisição da Língua de Sinais Brasileira, que vai se dar, na maior parte das vezes, posteriormente, quando do ingresso da criança no programa de Educação Infantil. No Programa de Educação Infantil os alunos são expostos à Língua de Sinais Brasileira na interação com um adulto surdo – Ricardo – e com outros surdos mais velhos, alunos do IESP.

A constatação de que crianças atendidas no Programa de Atendimento a Bebês, quando iniciam o trabalho de exposição sistemática à Língua de Sinais Brasileira, apresentam um desenvolvimento muito rápido motivou o interesse em analisar o efeito que o uso de sinais tem na aquisição de linguagem por uma criança surda.

* PUCSP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Para proceder ao estudo foram utilizadas gravações do atendimento no PAB da interação de uma criança surda com a pedagoga, uma das autoras deste trabalho, no período de maio a dezembro de 1997, e com o adulto surdo, instrutor da língua de sinais, no grupo classe, no período de fevereiro a outubro de 1998.

O sujeito escolhido para esta pesquisa é uma criança do sexo masculino - F - com surdez sensorineural bilateral profunda, segundo exame objetivo BERA, devido à rubéola materna. A surdez de F. foi diagnosticada no nascimento e ele iniciou o atendimento no PAB aos 2;0 anos de idade, não tendo nenhum atendimento anterior na área da linguagem.

No contato inicial com a família observamos uma boa interação e tentativas de interpretação e atribuição de sentidos às ações e gestos de F. por parte dos pais e da irmã mais velha.

Para este trabalho foram selecionados trechos das gravações que ilustram o efeito que os sinais parecem fazer na linguagem de F. Como foi referido anteriormente, a pedagoga faz uso de sinais e de fala concomitante, o que, nos trechos selecionados está representado por tipos diferentes de letras: a fala aparece em minúscula, enquanto que os sinais em caixa alta, possibilitando a visualização por parte do leitor. No intuito de possibilitar ao leitor uma maior compreensão dos exemplos, dados do contexto, bem como dos comportamentos não-manuais, estão descritos entre parênteses, na apresentação dos dados.

As referências aos participantes do atendimento e da sala de aula foram feitas usando-se apenas as iniciais de seus nomes. Ao lado esquerdo da folha foram transcritos os enunciados da pedagoga (P), do instrutor de sinais (R), da professora (S), da recreacionista (Ma) e, eventualmente de algum colega de sala de aula, e do lado direito os enunciados da criança sujeito (F). As iniciais referentes aos colegas são (C), (I), (W) e (A).

Os dados foram analisados considerando-se o efeito que os sinais usados pelo adulto provocam na linguagem da criança surda.

No início do atendimento, F. dirigia sua atenção para os brinquedos, e a pedagoga, na tentativa de estabelecer contato, fazia os sinais no campo visual dele. Nem sempre era possível que os sinais fossem articulados no local convencionalizado na língua de sinais, no espaço que vai da altura acima da cabeça até a cintura, e sim entre o olhar da criança e o brinquedo, o que acontece em muitos outros momentos da interação ao longo dos atendimentos. A realização dos sinais no campo visual da criança fez com que F. começasse a se interessar pelos movimentos das mãos e dedos, procurasse o contato de olho com a pedagoga e respondesse com sorrisos à sua sinalização. O sorriso foi algumas vezes acompanhado de discreta movimentação das mãos.

F. mostrou-se, assim, bastante atento ao interlocutor, participando das atividades propostas, respondendo ao interlocutor com olhar, sorriso e ações.

Logo nos primeiros atendimentos envolveu-se em atividades conjuntas com a pedagoga, observando-se um verdadeiro diálogo, no qual F. ocupava o seu turno, realizando a atividade proposta pela pedagoga. É nesta ocasião que se observam o uso dos primeiros sinais por parte de F.

Exemplo (1)

Data: 14/05/97 Idade: 1;11 ano

A Pedagoga e F. desenham numa mesma folha de sulfite cada qual com uma caixa de gizão (lápiz de cera grosso) colorido.

F - (espera, risca e olha P)

P - (pergunta)

Eu?

(aponta para si)

(faz um risco curto no papel)

F - (olha P. riscar e depois desenha algo no papel)

P - (olha)

A bola!

BOLA

F - (abre os braços e mãos na altura da cabeça e as balança levemente)
BOLA

P - A bola!

BOLA

F - (volta para o desenho)

No exemplo, observa-se a participação de F. na atividade de fazer riscos no papel, alternadamente com P., estabelecendo-se a alternância de turnos nas ações. Após F. desenhar, a pedagoga nomeia o seu desenho. F., sempre muito atento, olha para a pedagoga e reproduz o sinal usado por ela. Observa-se, assim, o efeito em F. do sinal usado pela pedagoga, efeito este que se manifesta através da incorporação de parte do enunciado precedente do interlocutor - especularidade - que, segundo de Lemos (1992, 1996), assinala o início de participação da criança no diálogo.

De fato, é a partir da incorporação, por parte da criança, de fragmentos ou de todo o enunciado precedente do interlocutor que a mesma assume o papel de interlocutor no diálogo. Assim, como refere de Lemos, a primeira posição da criança como falante está circunscrita à sua relação com a fala do adulto. A criança depende,

assim, de um adulto que atribua sentido às suas produções, já que é desta forma que ela é inserida no funcionamento da língua usada pelo outro.

No caso de crianças surdas, assim como acontece com as ouvintes, a tomada pela criança dos significantes do adulto, sob a forma tanto de fragmentos de sua fala como de gestos, demonstra a eficácia da interpretação à qual a criança é inicialmente submetida (Pereira, 1997).

Embora não se possa afirmar que F. já esteja adquirindo a LSB, o efeito nele produzido pelo uso de sinais por parte da pedagoga é de reproduzir o movimento realizado por esta. Nesta reprodução ou incorporação de parte do sinal de BOLA observa-se que F. mantém o movimento correspondente ao sinal mas não o ponto de articulação (localização do sinal) ou a configuração de mão, o que aponta para uma semelhança com os achados de Karnopp (1998) em seus estudos sobre a aquisição da fonologia na Língua de Sinais Brasileira. O movimento feito por F. é interpretado pela pedagoga através do sinal acompanhado da fala. Ao interpretar, a pedagoga reveste de significado o sinal usado por F.; a criança ao ter seu comportamento interpretado, se reconhece como falante.

Decorrido um mês desta gravação observamos em F. não apenas a incorporação de expressões faciais e de partes dos sinais, mas também a produção de sinais, que, segundo de Lemos (1992, 1996), podem ser considerados fragmentos metonímicos de textos partilhados com outros interlocutores, como indica o exemplo.

Exemplo (2)

Data: 09/06/97 Idade: 2;0 anos

Durante o atendimento a recreacionista da escola entrou para tirar uma foto de F. e após fazê-lo a pedagoga fala:

P – Olha lá ó! Fala tchau, obrigada.

OLHA (na direção Ma.)

TCHAU OBRIGADA

F – (olha a sinalização de P., em seguida para Ma. Depois joga beijo e faz) "POSITIVO"

Ma. – Tchau!

TCHAU

F – TCHAU + (positivo alternado com "V" de vitória – forma de compromisso em casa, imitando "Os Trapalhões")

O enunciado da pedagoga parece ter remetido F. a outros textos partilhados com a família, uma vez que não se trata de incorporação do enunciado imediatamente precedente do interlocutor. Assim o sinal de TCHAU da pedagoga trouxe um texto presente em outras experiências de despedidas, o "jogar beijo" e o "positivo". O sinal de POSITIVO no enunciado de F., por sua vez, parece ter trazido o "V" de vitória, usado comumente na família, acompanhando o positivo.

Trata-se, portanto, de fragmentos da fala do adulto que retornam na fala da criança e se cruzam com outros, advindos de outros textos.

Exemplo (3)

Data: 01/12/97 Idade: 2; 6 anos

A pedagoga está contando pela segunda vez a história dos "Três porquinhos", usando um livro e fantoches dos personagens da história. Exploram as figuras, e a pedagoga vai correspondendo os fantoches às figuras.

F. (vira muitas páginas do livro)

P. Ê! Espera, pulou! Aqui!

ESPERA (volta a página) PULAR

+ aponta a página + AQUI!

(mostra a cena do porquinho tocando flauta e passeando)

F. TOCAR FLAUTA

(faz movimento de tocar flauta)

Nota-se, neste exemplo, que a figura do livro parece evocar fragmentos da história contada pela pedagoga anteriormente. Não se trata de incorporação do enunciado imediatamente precedente do adulto, como acontecia nas primeiras gravações, mas de fragmentos da história contada pela pedagoga, a qual retorna no relato da criança. É desta forma que a criança inicia o seu relato.

Em função de seu rápido desenvolvimento quanto à atenção, interesse pelas atividades propostas, e início do uso de sinais, F. foi encaminhado para o grupo da classe inicial da Educação Infantil, em fevereiro de 1998.

Na sala de aula, F. passou a ser exposto à Língua de Sinais Brasileira, através, principalmente, de relatos de histórias pelo instrutor da língua de sinais da escola, Ricardo. Ricardo responde pela exposição sistemática dos alunos do Programa de Educação Infantil à Língua de Sinais Brasileira.

Além do contato com a LS do instrutor, dos sinais dos professores, as crianças interagem, no recreio, com colegas mais velhos, muitos usuários das LSB.

Após um mês de exposição à LSB, F. já mostra um início de relato, onde são observados enunciados mais longos, não mais de um sinal apenas. Seus enunciados, em sua maioria, são produzidos pela incorporação do enunciado precedente do interlocutor, e de fragmentos da história que F. já incorporou de relatos anteriores.

Na construção dos relatos, as perguntas de Ricardo têm o papel de ajudar F. a organizar suas lembranças sobre a história. Este papel é observado também, no início da construção do discurso narrativo em crianças ouvintes. Segundo Perroni (1992) a capacidade de narrar se origina na interação da criança com o adulto interlocutor.

As perguntas de R. trazem fragmentos da história que retornam e se cruzam na "fala" de F. e ajudam a organizar o relato, que já se apresenta mais elaborado tanto em relação à forma como ao conteúdo. Nota-se uma postura de narrador diferente frente ao relato, mas ainda muito preso às figuras dos livros. As figuras parecem evocar trechos do relato do adulto que já circulam nele, o que aponta para uma menor dependência de seu relato em relação à fala imediatamente precedente do adulto.

Exemplo (9)

Data: 02/10/98 Idade: 3,5 anos

Ricardo chama F. para contar a história.

- R. (aponta a cena) +
expressão de pergunta
F. NASCE - PATO/QUEBRA/OVO
(num só sinal)
- R. (vira a página e aponta) +
expressão de pergunta
F. QUEBRA/GRANDE (já nasceu)
- R. (aponta outra figura)
F. PATO
- R. PATO DIFERENTE
F. DIFERENTE (com uma mão,
depois com as duas, a configuração
de mão é feita sem cruzar os
dedos indicador e médio)
-
R. PATO GRITA DIFERENTE

- R. (aponta)
F. PATO + GRITA (o sinal de GRITA
acoplado ao sinal de PATO, bico
abrindo rapidamente para frente)
- R. PATO FEIO
F. (olha)
MAMÃE
(percebe R. fazendo outro sinal
diferente do que ele, então pára e
olha)
- R. (vira a página, aponta)
F. (balança a cabeça concordando
com R. + boca em posição de "é")
- R. (faz no local certo) SUJO
F. SUJO
(feito no rosto e não no pescoço)
- R. (só pára de fazer o sinal quando
F. o faz corretamente)
F. (vai abaixando o indicador,
queixo e depois pescoço)
- R. PATO EMBORA
F. (concorda com a cabeça e volta a
olhar o livro)
- R. (aponta)
F. CHORA
- R. CHORA
F. CHORA

Nesse exemplo os enunciados de F. apontam para uma maior complexidade narrativa, na medida em que F. utiliza enunciados mais longos para narrar a história. Apesar de usar fragmentos de enunciados precedentes utilizados pelo adulto para contar a história, combina estes fragmentos com outros já incorporados de relatos anteriores da história, desencadeados pelas perguntas do adulto e pelas figuras do livro.

Concluindo, embora a adoção de sinais na educação do surdo não signifique Língua de Sinais, a exposição sistemática aos sinais revelou que o uso dos mesmos faz efeito nas crianças surdas, o que motivou a elaboração desse trabalho, que teve como objetivo analisar os efeitos do uso de sinais na aquisição de linguagem por uma criança surda, entre zero e três anos de idade, exposta a uma abordagem que inclui sinais.

A análise das gravações da interação da criança com a pedagoga ouvinte, que faz uso de sinais e fala concomitante, evidenciou que o uso dos sinais por parte do adulto pareceu ter um papel no desenvolvimento da atenção, bem como no uso dos sinais e de recursos não manuais, como expressões faciais e movimentos corporais.

Logo nas primeiras gravações o uso dos sinais pela pedagoga parece ter contribuído para o estabelecimento de turnos de conversação nos quais F. participava com o olhar, o sorriso, expressões faciais e, a seguir, com ações e os primeiros sinais, resultantes da incorporação de ações, bem como de parte do enunciado precedente da pedagoga. Em gravações posteriores, sinais ou ações partilhados com a família ou com a pedagoga em sessões anteriores retornam na linguagem de F, desencadeados por um sinal feito pela pedagoga ou por uma figura.

Por apresentar um desempenho compatível com o observado nos alunos da classe inicial do Programa de Educação Infantil, F. foi incluído neste grupo, onde passou a ser exposto de forma sistemática à Língua de Sinais Brasileira. Tal exposição resultou em uma aquisição rápida da mesma, sendo que, atualmente, com 5,0 anos de idade, F. faz uso da LSB de forma compatível com a idade em que se encontra, segundo avaliação do Instrutor de Sinais. Assim, embora não se trate da Língua de Sinais Brasileira, a exposição aos sinais parece ter colaborado de alguma forma para a aquisição desta língua por F., o que só pôde se dar na interação com o adulto surdo – Ricardo, usuário da mesma, o qual, assumindo o papel de intérprete dos enunciados de F., inseriu-o no funcionamento lingüístico-discursivo da língua de sinais.

Referências bibliográficas

DE LEMOS, C. T. G. Los procesos metafóricos y metonímicos como mecanismo di cambio. *Substratum*, v. 1, p. 121-135, 1992.

———. *Processos metafóricos e metonímicos: seu estatuto descritivo e explicativo na aquisição da língua materna*. Texto não publicado, 1996.

KARNOPP, L. B. *Aquisição fonológica na Língua Brasileira de Sinais: estudo longitudinal de uma criança surda*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 1998.

PEREIRA, M. C. C. Conversação entre mães ouvintes e crianças surdas. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 33, p. 67-73, 1997.

PERRONI, M. C. *Desenvolvimento do discurso narrativo*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.